

EDITORIAL
EDITORIAL

WALMERI RIBEIRO E MARINA GUZZO

EDITORIAL

EDITORIAL

WALMERI RIBEIRO¹

walmeriribeiro@id.uff.br
<https://orcid.org/0000-0002-6274-5361>

MARINA GUZZO²

marina.guzzo@unifesp.br
<https://orcid.org/0000-0002-9978-4014>

Antropoceno (Crutzen, Stoermer), Cthuluceno (Haraway), Capitoloceno (Moore), Piroceno (Steven Pyne), Plantationoceno (Tsing), Plantoproceno (Meyers) – muitos são os nomes (e os autores) que se referem às crises que estamos vivendo na contemporaneidade. Uma crise que é social, política, econômica, humanitária e climática. O consenso que temos é de que está em curso uma situação que evidencia a emergência ecológica do planeta relacionada aos eventos extremos do clima e da forma de resposta de Gaia à ação da destruição. Essa é sobretudo uma questão política, pois envolve formas de produzir, viver e morrer. Malcom Ferdinand (2022) propõe duas imagens, que fornecem modos distintos de existir e sentir diante da crise ecológica: a da arca de Noé e a dos navios negreiros. Dois finais diante do mar: um que parte da ideia de salvação – salvam-se alguns poucos e escolhidos; o outro, da ideia de que teremos que reconstruir mundos para que possamos seguir vivendo – sentir-nos como quilombos (Nego Bispo, 2020), assembleias polifônicas (Tsing, 2019),

¹ Artista-pesquisadora, professora da Universidade Federal Fluminense, onde coordena o Laboratório de Pesquisa em *Performance*, Mídia Arte e Questões Ambientais – BrisaLAB. Pós-doutora pela Concordia University (2017), bolsista de pesquisa Faperj, é também professora dos Programas de Pós-graduação em Artes PPGCA|UFF e PPGAV|EBA|UFRJ.

² Artista e pesquisadora, concentra suas criações na interface do corpo e da paisagem. É professora associada da Unifesp no Campus Baixada Santista, pesquisadora do Laboratório Corpo e Arte no Instituto Saúde e Sociedade.

misturas (Coccia, 2018), para que, assim, possamos nos “nos entrelaçar e construir condições para viver nas ruínas dos imperialismos industriais e das *plantations* de ecologias simplificadoras” (Tsing, 2019).

Para a tessitura do dossiê “Emaranhados, tramas e escutas: práticas artísticas para resistir e agir em meio ao Antropoceno”, seguindo uma perspectiva que conjuga múltiplos pontos de vista, nos perguntamos: como, diante das crises da atualidade, se posicionam as artes? Como seguir criando, imaginando, sonhando, sentindo e agindo diante da catástrofe em curso? Quais operações sociais e políticas da arte são possíveis em tempos de crise? Quais articulações e diálogos que contribuam na criação de outros imaginários e modos de vida, necessários e urgentes diante da ameaça de uma extinção em massa, podemos propor como artistas, pesquisadores da arte e dos estudos culturais? Quais as contribuições da arte frente aos desafios contemporâneos?

Com o intuito de cartografar possíveis caminhos, pensamentos e ações trilhados por artistas e pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, construímos este dossiê como uma prática de reflorestamento. Acreditando na força do imaginário, da fabulação e de ecologias pluriversas, que conjuguem cosmologias tradicionais e ciências, abrindo outros campos possíveis de diálogo para a arte frente aos desafios contemporâneos, convidamos você, leitor, a um mergulho em cada texto, em cada prática artística proposta ou analisada, em cada projeto em desenvolvimento para que assim, JUNTOS, coletivamente, possamos construir mudanças sociais, ambientais e políticas. Mudanças que se fazem urgentes em nossos dias.